

## PREPOSIÇÃO: ABORDAGEM SINTÁTICO – SEMÂNTICA

Maria das Graças Simão Dias LEITE<sup>1</sup>

### RESUMO

Um dos problemas centrais da teoria semântica é o de identificar e caracterizar as correspondências sistemáticas entre significados e significantes. Através da semântica, percebemos os processos semânticos e sintáticos que envolveram e ainda envolvem as palavras que na tradição gramatical da língua portuguesa são denominadas preposições, tal como a correlação entre a presença ou a ausência delas. As preposições se deixam examinar como peças da organização semântica frasal.

### A linguagem comunicativa numa nova perspectiva

Sabemos que quem fala e escreve sempre tenta seguir as regras da língua que está utilizando, porém, não se trata aqui das noções tradicionais do "falar certo" e "falar errado". Trata-se das regras mais profundas na gramática do falante, que nem sempre coincidirão com as regras normativas da língua padrão.

A partir das emissões de alguns falantes, percebemos a freqüente omissão das preposições de, a, em, para, com, antes do que. Como se vê, a omissão pode ser decorrente de um padrão geral de linguagem, que por razão de ordem funcional ocorre em determinados contextos.

---

<sup>1</sup> Mestra em Linguística pela UFG. Professora do Curso de Letras da Unidade Universitária "Cora Coralina", da U.E.G.

A gramática tradicional do português esclarece o emprego das preposições de, em, a, antes do que, apenas em termos normativos; ela diz que o que é empregado depois das preposições monossilábicas a, com, de, em, por, e quando o que vem regido de preposição a função sintática é exercida pelo conjunto.

Numa visão da "função" da preposição, percebe-se que a ordenação das palavras tem importância fundamental para a estruturação do sentido de um enunciado. Isso pode ser observado tanto nas orações quanto nos grupos de palavras. Ocorre que a eliminação das preposições nem sempre prejudica a compreensão.

O contexto quase sempre desempenha papel importante na compreensão dessas sentenças, e se o emprego da preposição depende apenas do sentido, nenhuma dúvida aparece ao falante e ao ouvinte. Esse contexto manterá a relação funcional sintática dos elementos, assumindo funções semânticas e pragmáticas.

Nota-se que a função de representação da língua domina os aspectos estruturais do sistema no que diz respeito à variação e à mudança. Observando a língua oral, encontramos dados que, a princípio, podem ser analisados a partir da hipótese de SARAIVA de que: "algumas preposições têm mais carga semântica do que outras – dependendo dos elementos que ligam, do contexto em que se encontram..." (Saraiva, 1984, p.92). E também da afirmação de HAIMAN de que: "... quanto mais imprevisível é uma informação, mais codificações ela exigirá... o que é previsível recebe menos codificação do que aquilo que não é... não se especifica o que já é conhecido ou o que não é importante..." (Haiman in Saraiva, 1984, p.89).

Se a preposição é previsível, ela pode ser omitida e neste contexto há relação entre os elementos que une, então, teremos condições de perceber que nos contextos com elementos topicalizados, onde há o "dado" e o "novo", a preposição é recuperada pelo contexto e pode ser omitida sem prejuízo da comunicação.

A mudança de sentido é explicada pelo trânsito das pala-

vras entre as formações discursivas que podem ser-lhe posteriores (também anteriores?). A produtividade lexical não é explicada pelas regularidades discursivas, mas subsumem explicações pela ordem do discurso que regula não só o que pode ser dito em um campo enunciativo ou em um domínio associado de enunciados.

A “desarrumação” aparente do uso das preposições permite que o falante utilize-se de um recurso pragmático diferente do das gramáticas que dizem ser um “erro” de regência a omissão da preposição. Esta previsibilidade é perceptível em contextos com orações adjetivas, sem prejuízo da compreensão das mesmas.

(1) “A prova que tenho mais receio é a de matemática”

(A prova (de) que tenho mais receio é a de matemática)

(2) “O cargo que aspiro está vago”

(O cargo (a) que aspiro está vago)

(3) “Nessa fazenda que eu fui com eles levar telhas...”

(Nessa fazenda (em) que eu fui com eles levar telhas...)

Observando as sentenças acima, podemos dizer que, segundo Saraiva, “a elipse foi possível nessas estruturas, porque a relação sintático–semântica entre os complementos e o verbo foi preservada... e a preposição é, de alguma forma previsível” (Saraiva, 1984, p.85). Ocorre daí, que esta preposição é um conectivo, é um elemento que não possui “carga semântica” relevante para determinar a relação entre os elementos que conecta. Ela tem a função de unir os elementos sem um conteúdo semântico específico.

Podemos dizer que a preposição, nesses casos, pode ser omitida e deixa de relacionar termo regente e termo regido, assumindo o papel da conjunção, ou seja, passa a ligar duas orações ou termos semelhantes de uma mesma oração.

Ao contrário, em contextos em que o falante faz uma conotação diferente, ele cria uma forma de relativizar "nova", considerando o que está sendo discutido, ou seja, destaca a informação "nova" e isso resulta numa mudança de perspectivas:

- (4) "É isso que eu estou trabalhando."  
 (É com) isso que eu estou trabalhando)  
 (Eu estou trabalhando com isso)
- (5) "É uma coisa com) que a gente não pode concordar não."  
 (É uma coisa que a gente não pode concordar com.)
- (6) "É isso que eu quero acabar."  
 (É com ) isso que eu quero acabar)

Acrescentamos a essas proposições o "dado" e o "novo" todas as vezes em que ocorrer topicalização, a omissão da preposição ocorrerá sem interferências no contexto, ou seja, esse recupera a lacuna que fica entre a preposição elidida e o elemento a que se refere.

Diremos que a ausência das preposições é decorrente de um padrão geral de linguagem porque "cria" estruturas de maneira que respondem às necessidades da linguagem comunicativa numa nova perspectiva.

As sentenças na ordem básica omitem a preposição nos casos em que a preposição parece ser "vazia" de sentido. Funcionalmente podemos hipotetizar apenas um apoio formal e sua ausência não será prejudicial à mensagem, daí a possibilidade de omissão:

- (7) "A sala estava confiante que todos os alunos dominavam o conteúdo"  
(A sala estava confiante de que todos os alunos dominavam o conteúdo)
- (8) "Pode ficar certa que é um vestido de menina"  
(Pode ficar certa de que é um vestido de menina)
- (9) "Copie no caderno de Português a parte do texto que você mais gostou"  
(Copie no caderno de Português a parte do texto de que você mais gostou)

Existem contextos em que a preposição omitida é recuperada pelo contexto discursivo, e também a relação dos elementos estruturais com ela é de dependência. Nesses casos a preposição é recuperada sem interferência na comunicação:

- (10) "Agradecemos a clareza que expunha suas idéias"  
(Agradecemos a clareza com que expunha suas idéias)
- (11) "O dedo indicador é o dedo que você dá bronca" (Tarallo, 1983, p.4)  
(O dedo indicador é o dedo com que você dá bronca)

Em algumas sentenças, para que a interpretação seja adequada, é preciso que a preposição esteja explícita, porque ela não é recuperada pelo contexto, e ainda prejudica a comunicação. Estas preposições pertencem às orações encaixadas e, segundo Saraiva (1984), elas possuem mais car-

ga semântica do que as que são previsíveis nos contextos onde os fenômenos pressupostos são centralizados pelo falante sobre o receptor.

- (12) "Foi a nova secretária que eu conversei"  
(Foi a nova secretária com quem eu conversei)  
(Foi a nova secretária com que eu conversei)  
(Saraiva, 1984, p.91)

Há outros casos que detectamos em que a preposição a é relevante antes de quem e esta, ausente, prejudica a comunicação:

- (13) "Cecília era a prima dele quem devotava amizade pura".  
(Cecília era a prima a quem devotava amizade pura)
- (14) "Entreguei a taça quem chegou primeiro".  
(Entreguei a taça a quem chegou primeiro)

Examinando-se as regras que os gramáticos tradicionais apontam para o emprego das preposições, tem-se a impressão de que são regras que eles já haviam percebido e que estas são individualizadas, conforme a percepção do gramático e dependendo da ênfase que o falante exerce na linguagem oral.

Portanto, acreditamos que, com esses subsídios juntamente com os dados sobre o emprego das preposições, poderemos estabelecer quais as regras de interpretação sintático-semânticas delas estão sendo utilizadas pelo falante.

Por isso é que não há nenhuma pedagogia possível do Português sem um conhecimento preciso das estruturas do falante, ou seja, um estudo do aspecto oral da língua. É a esse respeito que a Linguística traz a contribuição de seus princípios e de seus resultados, permitindo-nos estudar as "faces" oral e

sintática das orações e proceder a uma análise das condições gerais que as cercam.

Vemos, assim, que a língua, sendo um fenômeno social e dinâmico, permite ao falante a produção de frases espontâneas e contribui para as diversidades na língua oral. Esse parece ser um mecanismo novo, uma nova estratégia ignorada ainda pelos gramáticos, mas que reflete a linguagem do falante atualmente.

E as construções com preposição omitida decorrem da intuição do falante, mas não afetam a comunicação enquanto é a parte inesperada da informação do discurso comunicativo, e parte da sintaxe da linguagem humana. Temos, então, vários contextos que decorrem da função comunicativa, do padrão básico e mais precisamente das construções que estão ausentes no registro formal planejado.

O reflexo desta proposta de análise será mostrar que o lingüista lida com a linguagem oral no intuito de se ocupar com os usos e efeitos sociais e interpessoais da fala. A competência pragmática ultrapassa o nível da informação sobre a forma e o significado das sentenças. E não se pode entender a sintaxe sem se dar atenção à pragmática, a qual garante a interação lingüística em nível oral e escrito e conserva a língua num estado de equilíbrio dinâmico.

#### ABSTRACT

LEITE, Maria das Graças Simão Dias. *Preposition: syntactic - semantic approach, Temporis(Ação)*, Goiás, v.1, n.4, jan./dez. 2000.

One of the main problem of semantic theory is to identify and to point ou the systematic correspondence between significant. Through semantic we perceive the semantic and syntatic procedures that involve words that in tradicional portuguese grammar are called prepositions, thus the correlation between the presence or absence of them in the context. The prepositions permit us to investigate them as part of the phrasal semantic arrangement.

## BIBLIOGRAFIA

- BARROS, Eneas Martins de. *Nova gramática da Língua Portuguesa*. São Paulo: Atlas, 1985.
- BECHARRA, Evanildo. *Lições de Português – pela análise sintática*. Rio de Janeiro: Fundo de Cultura, 1960.
- CUNHA, Celso. *Gramática do Português contemporâneo*. Rio de Janeiro: Pa-drão, 1980.
- CUNHA, Celso, CINTRA, Lindley. *Nova gramática do Português contemporâ-neo*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.
- FARACO, Carlos Emílio, MOURA, Francisco M. *Gramática*. São Paulo: Ática, 1987.
- LEMLE, Miriam. *Análise sintática* (Teoria Geral e Descrição do Português). São Paulo: Ática, 1984.
- LUFT, Celso. *Moderna gramática brasileira*. Rio de Janeiro: Globo, 1989.
- PERINI, Mário A. *Sintaxe portuguesa – metodologia e funções*. São Paulo: Ática, 1989.
- SARAIVA, Maria Elizabeth F. Análise funcional da elipse de preposição em Português. In *Ensaio de Lingüística – volume II*, Faculdade de Letras da UFMG. Belo Horizonte, 1984, p.83-97.
- SILVA, Maria Cecília P. de Souza, VILLACA, Ingendore. *Lingüística aplicada ao Português: sintaxe*. São Paulo: Cortez, 1983.
- SIMÃO DIAS LEITE, Maria das Graças. *Estratégias de Relativização*. (Disserta-tação de Mestrado – cap.III). Goiânia: UF, 1992.
- TARALLO, Fernando. *A pesquisa sociolingüística*. São Paulo: Ática, 1985.

## NORMAS GERAIS PARA PUBLICAÇÃO

O autor deve encaminhar seu texto, para apreciação, em disquete, digitado em Microsoft Word 6.0 ou superior, em duas cópias impressas em folha de papel formato A4, em uma só face, fonte Times New Roman, tamanho 12, espaço 1,5, e cada lauda deve ter 30 linhas; em anexo, os dados de identificação: nome, função e instituição em que trabalha, endereço, telefone, fax e e-mail.

Em caso de a matéria ser aceita para publicação, a Comissão Editorial permite-se realizar pequenas alterações no texto.

O texto dever ser precedido por um resumo na língua de origem e, no encerramento, antecedendo a bibliografia, é obrigatório constar a tradução do título do trabalho e do resumo em língua inglesa.

As citações literais curtas devem ser incorporadas ao texto, entre aspas e seguidas, entre parênteses, pelo sobrenome do autor, ano de publicação e página(s) do texto citado. Quando o autor citado fizer parte da frase, é suficiente colocar o ano e a página entre parênteses. As citações de mais de três linhas devem ser destacadas no texto, em parágrafo especial. As referências sem citação literal devem ser incorporadas no texto, indicando-se, entre parênteses, o sobrenome do autor e o ano da publicação.

As ilustrações, figuras e tabelas que aparecerem no trabalho para explicar ou complementar o texto, devem ser enumeradas com algarismos arábicos na ordem em que serão incluídas no texto, e apresentadas em folhas separadas, no final do artigo. No texto, a chamada indicará o provável lugar de inserção de cada ilustração, figura ou tabela.

As notas explicativas, se estritamente necessárias, devem ser enumeradas seqüencialmente dentro do texto e colocadas no rodapé da página correspondente.

As referências bibliográficas citadas devem obedecer aos critérios propostos pela Associação Brasileira de Normas Técnicas.